

**George W. Bush publica memórias**

Seg, 08 Nov, 05h32

WASHINGTON (AFP) - O ex-presidente George W. Bush, praticamente silencioso, desde que deixou a Casa Branca, retorna à cena com a publicação, nesta terça-feira, de suas memórias, nas quais justifica sua "guerra ao terrorismo" e, de quebra, a invasão do Iraque.

O livro, intitulado "Decision Points" ("Instantes decisivos" numa tradução livre), sai uma semana após a vitória dos republicanos nas eleições legislativas - um momento, talvez, com um tom de revanche para um ex-presidente com altos índices de impopularidade no final do mandato.

A divulgação de suas memórias, com tiragem de 1,5 milhão de exemplares, é acompanhada de uma campanha na mídia, com Bush, 64 anos, concedendo na noite desta segunda-feira ao canal NBC sua primeira entrevista na televisão desde que cedeu as chaves da Casa Branca a Barack Obama, em janeiro de 2009.

O ex-dirigente, que passou a maior parte dos dois últimos anos em seu Texas, aparecerá na terça-feira no programa Oprah Winfrey, concedendo depois outras entrevistas aos apresentadores ultra-conservadores: Rush Limbaugh, Sean Hannity e ainda Bill O'Reilly.

Com cerca de 500 páginas, as memórias do 43º presidente (2001-2009) falam sobre seu mandato marcado pelos atentados de 11 de Setembro e as guerras nas quais se envolveu no Afeganistão, depois no Iraque.

Segundo o New York Times, que teve acesso a uma cópia do livro, o ex-presidente admite ter se sentido mal ao saber que nenhuma arma de destruição em massa havia sido encontrada no Iraque, quando justamente sua suposta presença justificara a invasão, em 2003.

George W. Bush, no entanto, defendeu a intervenção num país "que se saiu melhor com um governo responsável ante o povo e que cessou de torturar e matar".

Justificou também o recurso à tortura conhecida como 'submarino' que autorizou e foi empregada no cérebro dos ataques do 11/9, Khalid Sheikh Mohammed.

"Com toda certeza", disse Bush quando indagado pela CIA se podia empregar a controversa técnica.

George W. Bush disse pensar que o suspeito possuísse informações vitais sobre os atentados em preparação.

Depois de assumir o governo, o sucessor de Bush, presidente Barack Obama, e seu secretário da Justiça, Eric Holder, descreveram o 'submarino' como um ato de tortura.

O ex-chefe de Etat revelou também que pensou em se separar do vice-presidente, Dick Cheney, que lhe ofereceu retirar-se da chapa republicana antes da reeleição de 2004.

"Pensei efetivamente em aceitar a oferta", declarou Bush. Cheney tornou-se "um abcesso e uma fixação para a mídia e a esquerda. Era considerado um ser sem coração que agia na sombra", revela Bush.

Mas o presidente terminou por considerar que precisava de Dick Cheney para ajudá-lo.

George W. Bush lembra que passou o pior momento de sua presidência durante o incidente com o furacão Katrina, que devastou Nova Orleans em 2005 e que lhe valeu a acusação de incompetência.

O rapper Kanye West acusou então o presidente na televisão de não se preocupar com os Negros.

"Ele me chamou de racista", lembra-se o ex-presidente, segundo um trecho da entrevista concedida à NBC. "Não digeri isso na época e não o farei nunca (...) não é verdade e isso foi um dos momentos mais repugnantes de minha presidência".

Copyright © 2010 AFP. Todos os direitos reservados.

Copyright © 2007 Yahoo!. Todos os direitos reservados.

[Privacidade](#) - [Termos do Serviço](#) - [Direitos Autorais](#) - [Precisa de ajuda?](#)